



FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 15 DE JUNHO, DE 2026 - 21H00

UM DIA DE CÃO (1975)



Sidney Lumet e Al Pacino, que já haviam trabalhado em conjunto para “Serpico”, regressam agora em “Dog Day Afternoon”, que parte de um “fair divers” e o ultrapassa sem dele se afastar. Manobra conseguida com grande inteligência e serenidade. Os factos estavam relatados num artigo assinado por P.F. Klunge e Thomas Moore e foram passados ao cinema por Frank Pierson. Referiam-se a Agosto de 1972, e ocorreram em Park Slope, Brooklyn, Nova

lorque, EUA. A sucursal do Manhattan Bank era assaltada por três indivíduos que nela tinham entrado meia hora antes do fecho. São eles Sony, Sal e Bobby. Este último, tomado de pânico, foge do local no momento preciso em que o assalto se inicia, quase leva consigo as chaves do carro do gang. Perante uma certa estupefação e apatia do pessoal do Banco. Sony descobre que o mesmo havia pago durante o dia grandes somas e quase não possui dinheiro nos seus cofres. Mesmo assim, reúnem algumas notas e quando se apressam para sair, descobrem-se rodeados por cerca de 250 polícias. Princípiã, então um período de nove horas de conturbadas negociações com os assaltantes a fazerem valer os oito reféns que guardam consigo e a polícia e o FBI a procurar uma capitulação a todo o custo.

Estes os factos. Que o filme respeita, ao que consta, quase escrupulosamente.

Como é que partindo deste acontecimento aparentemente anódino ou pelo menos vulgar nos dias que correm, consegue Lumet um filme que restitui sem qualquer demagogia o retrato robot de uma cidade americana, o mesmo será dizer da sua sociedade? Essa é a grande virtude desta obra que, se não deixa enredar no suspense visual de um simples assalto para se transformar numa crónica nervosa, incisiva e penetrante.



Quase diríamos que, funcionando o assalto como figura de primeiro plano, o importante é o cenário onde essa figura se movimenta. Um cenário com múltiplas facetas que a pouco e pouco reconstitui um ambiente, uma tonalidade, uma nervose, uma mentalidade.

Importante: Nesta obra de aço e violência, que agarra o espectador do princípio ao fim, nada nos é descrito a traço grosso, nada nos é atirado à cara. O puzzle reajusta-se progressivamente e

mesmo quem dele não tiver consciência saíra do filme com a impressão clara de uma certa realidade. Esta a lição de um cinema americano que se sabe servir das pequenas anotações dispersas ao longo de uma obra para no final delas sobressair uma personagem, uma situação, um conflito que nos afigura já familiar, de tão conhecido.

As personagens: Sonny, Sal, o gerente do Banco, as empregadas, os policiais, o empregado do restaurante que traz a comida para os reféns, o público que rodeia aquele teatro de arena onde se ensaia um psicodrama, a mulher de Sonny, Leon... Uma quantidade de figuras cujos contornos se vão preenchendo de densidade humana, ganhando profundidade psicológica, conquistando plausibilidade. São já nossos conhecidos. Atravessaram-se-nos na frente sem estranheza. Um a um convivem connosco fugazes momentos. Mas não menos precisos pela importância do gesto do olhar, do jeito, raramente da palavra. Colocados numa determinada situação, essas personagens reagem em conformidade, sem que se descubra por detrás delas a imposição de uma vontade que lhes é alheia (Neste caso, a do realizador).

Tome-se, por exemplo, Sonny. Dele conhecemos primeiramente a insegurança, a impaciência, a candura do olhar ou do jeito no manejo das armas, a ternura para com os companheiros de assalto, o hábito do Banco (antigo bancário), o nervosismo, o gosto de se oferecer como vedeta. Ele conta-nos também a passagem pelo Vietnam. O círculo fecha-se em seu redor, quando se estende para fora de si: A família, a mãe, a mulher e os filhos, finalmente, Leon, com quem casara, por quem assalta o Banco para conseguir os 2500 dólares indispensáveis para uma operação de mudança de sexo. Por entre a miséria e a decrepitude por entre a mediocridade, a estupidez, a banalidade, uma razão de peso, o amor, a homossexualidade.

Pense-se em Sal: A radicalização de um puritanismo beato a violência, amortecida por detrás de uns olhos pisados e doloridos, a experiência de anos (quantos já?) de cadeia, onde não quer voltar. O assalto como ajuste de contas final, o "tira teimas" ou "sim ou sopas": a continuar assim, melhor será um tiro certo entre os olhos e o esquecimento.

Para o pessoal do Banco, primeiramente o susto, o inesperado que agita os nervos numa progressão nunca anteriormente sentida. A aventura. A ruptura com o dia a dia do empregado de escritório. De onde nasce uma certa simpatia para com estes criminosos inábeis que lhe passam para as mãos as suas próprias armas. Enredados numa história que não é sua, dela vão aproveitar o máximo. A hesitação. A histeria já.



Na rua, os representantes da lei descobrem-se entre dois grupos que os contestam: os assaltantes do Banco à frente; por detrás uma massa ululante que irá reagir aos acontecimentos em função do significado preciso de cada novo momento: Sony e Sal passam de desconhecidos a símbolos de uma

oposição (“Não esquecer Attica!”, grita Sonny no momento que é acompanhado por uma multidão de jovens, de punho erguido, que protesta contra a chacina da prisão de Attica), o símbolo de uma minoria espezinhada (A manifestação dos homossexuais), para terminarem como vaga recordação de uma emissão de televisão em directo.

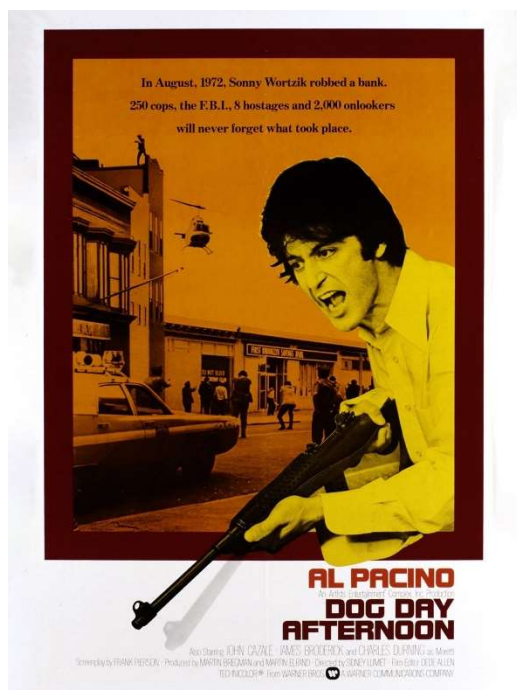
A família de Sonny: células mestras de uma sociedade matriarcal profundamente castrada: a mãe de Sonny, a mulher, os filhos. A mulher em toda a sua opulência ofuscante. A histeria ainda e sempre. A agressividade que rasga os ares: Mensagens impossíveis de responder (Sony ao telefone com a mulher; Sonny frente ao Banco com a mãe; a mesma impossibilidade de diálogo). Leon como única salvação, uma nova mulher. Uma saída que impõe todos os sacrifícios e que os merece.

Deste emaranhado de figuras que atravessam o ecrã, transportando uma carga humana explosiva de densidade, resulta um retrato de uma cidade em paradoxismo que tira o revólver ao menor sinal de perigo, que se refastela frente à televisão, consumindo em directo o drama, o “fait divers”, a ruptura do quotidiano.

Essa é a grande lição de Sidney Lumet, cineasta nem sempre interessante, que alterna o muito bom, com o simplesmente sofrível, mas que já nos deu obras importantes, como “Doze Homens em Fúria”, “Lágrimas da Ribalta”, “Missão Suicida”, “O Agiota”, “The Group”, “O Dossier Anderson” ou “Serpico”. Para além do trabalho eficaz e sóbrio de lumet, haverá ainda a salientar o talento de um montador invulgar Dede Alan e interpretação (excelentemente dirigida por Lumet), onde sobressaem o trabalho de vertiginosa maleabilidade desse actor admirável que se chama Al Pacino.

Lauro António

In DN, 8 de Outubro de 1976



UM DIA DE CÃO

Título original: Dog Day Afternoon

Realização: Sidney Lumet (EUA, 1975); Produção: Martin Bregman e Martin Elfand; Música: "Amoreena" de Elton John; Fotografia (cor): Victor J. Kemper; Montagem: Dede Allen; Design de produção: Charles Bailey; Decoração: George DeTitta Sr.; Guarda-roupa: Anna Hill Johnstone; Maquilhagem: Cosmo Sardo; Assistentes de realização: Burt Harris; Direção artística: Charles Bailey; Companhias de produção: Warner Bros. e Artists Entertainment Complex

Com: Al Pacino (Sonny Wortzik), John Cazale (Salvatore "Sal" Naturale), Charles Durning (Detetive Sgt. Eugene Moretti), Chris Sarandon (Leon Shermer), James Broderick (Sheldon), etc

Duração: 125 minutos; Classificação etária: M/16 anos

FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 15 DE JUNHO DE 2026

Masterclass “Polícias e Ladrões- O Cinema à Lei da Bala”, 21H00 (entrada livre)

“BONNIE AND CLYDE”, de Arthur Penn (1967)